

A cidade como invólucro do corpo: o espaço urbano na pintura contemporânea

**ANDRESSA SCHVANTS CENTENO¹; CLÓVIS VERGARA DE ALMEIDA
MARTINS COSTA²; RENATA AZEVEDO REQUIÃO³**

¹Universidade Federal de Pelotas – andressaschvants@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clóvismartinscosta@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte do meu trabalho de conclusão de curso e destina-se à refletir o corpo na sociedade urbana contemporânea, com a finalidade de explorar e buscar analiticamente o meu processo de criação no campo das Artes Visuais.

Nesta etapa, apresento minha própria vivência na cidade de Pelotas e quais as influências desse lugar para minha poética, assim descobrir meu entusiasmo em questionar e estudar o espaço urbano como uma possibilidade de criação artística, pensar o urbano como tudo aquilo que ocorre no interior das cidades (Oliven, 1985). O deslocamento no espaço urbano e o exercício no ato de caminhar instiga a observação do lugar que percorremos diariamente, com o cotidiano o olhar fica habituado e adaptado, assim não observamos detalhes do nosso entorno, passamos despercebidos pelo fato de criarmos caminhos automáticos e rotineiros que nos levam a lugares, compreendo o processo de repetição como ato da não observação. No campo das artes busco desconstruir esse perambular programado, criar uma forma de perceber esse espaço de maneira atenta.

Utilizo da pintura contemporânea abstrata como linguagem e objeto de pesquisa, da história da arte, de vivências e memória de infância como linguagem para refletir como nos comportamos quanto indivíduos na sociedade. Trago a palavra invólucro como motivação para compreender o processo, invólucro é uma palavra que traduz algo que envolve, que está em volta de algo.

Na minha poética penso um pouco da complexidade que essa palavra carrega e representa, abordo o espaço da minha casa como algo que envolve e protege, também trago a possibilidade de uma roupa que sobrepõe o corpo, justapostas em camadas, outro exemplo é pensar a própria construção do corpo humano, através dos núcleos, células e a pele.

Assim como a epiderme é o último invólucro do corpo, para mim seria a cidade a última camada de invólucro? Em meu trabalho defino a cidade como algo que envolve o corpo e que possui função necessária para a existência humana.

2. METODOLOGIA

Fundamentada dessa percepção, da linguagem da pintura geométrica abstrata para tratar o corpo no espaço urbano, busco trazer uma paleta de cores associada ao transitar e ao estar, o viver entre as pessoas, a união do corpo com o espaço e o corpo no espaço urbano.

Durante a construção do processo criativo a cidade aparece como base para a criação dos trabalhos, o estar na cidade me motiva a pensar a poética. O trabalho começa com um retorno a memória, buscando compreender como a memória de infância que tenho com Pelotas, induz um pensamento artístico acerca da cidade no trabalho prático, a relação com a minha família que era presente na cidade, tenho uma memória ligada às ruas da cidade, também a linha férrea antiga e ainda ativa presente no lugar de passagem de infância. Busco também em fotografias da cidade inspiração visual de cor, de movimento para a criação do trabalho prático. Encontro nas cores da fotografia inspiração para o resultado final da paleta de cores do trabalho, pensando também as linhas dos prédios, o acúmulo das construções e o ritmo acelerado e por vezes caótico.

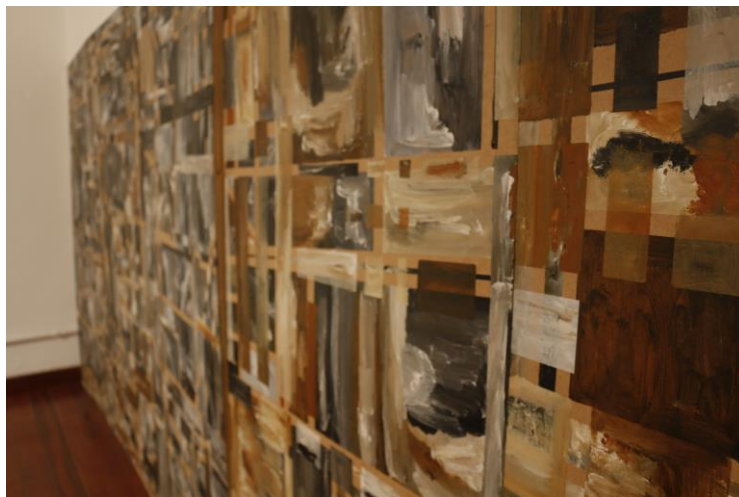
Para pensar a metodologia do trabalho prático o primeiro passo é compreender o suporte que será realizado, pois altera totalmente o resultado final. Costumo escolher suportes em grandes dimensões, pois assim tenho possibilidade de usar o corpo todo na pintura, uma pintura gestual presente no trabalho. Depois de definido o suporte vou a busca das cores que vou utilizar para pintar, geralmente cores em tons escuros, tons terra, cores neutras. Geralmente são cores que percebo no espaço urbano, o cinza, o preto, branco e o ocre. Sobreponho sobre esse suporte fitas que delimitam espaços e assim coloco a tinta sobre, depois retiro essa fita e a tinta permanece apenas nesse espaço delimitado, gerando uma malha sobre o suporte, muito importante para pensar a malha urbana que é criada pelos prédios.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho se encontra em andamento. Um dos primeiros resultados obtidos foi perceber como o espaço interfere nas relações pessoais e principalmente a importância de possuir um olhar atento sobre a cidade e a rotina que criamos em determinado lugar, buscando alterar essa percepção através do campo artístico. Os resultados também são voltados para o trabalho prático, ao longo da construção do processo criativo consegui produzi uma série de trabalhos, como o trabalho na Figura 01, *Cidade Suspensa (2017)*, um desdobramento de experiências anteriores em telas menores que começou como uma observação da janela da minha casa e se tornou um trabalho de cerca de cinco metros, dividido em cinco partes iguais.

A pintura contém linhas, na vertical e horizontal que se deslocam ao longo do suporte, de cima para baixo e de um lado para o outro, linhas retas que são geradas por fitas sobrepostas no suporte, suporte esse não tradicional a pintura, pois é um panel de aproximadamente cinco metros, uma pintura gestual onde eu trabalho fora do cavalete, há um corpo que pinta, não apenas a mão e pincel. Outro resultado é um segundo trabalho, chamado *Estado emergencial (2018)*, o trabalho é dividido em seis suportes pequenos de 15x15cm e forma uma série de pinturas, nesse há uma tentativa de busca de outros tons, mas o processo é da mesma maneira que o trabalho anterior, com camadas de tinta, sobreposição de fita para a construção do trabalho e são utilizados para pensar visualmente a pesquisa teórica.

Pretendo aprofundar em busca de novos resultados, como a criação de outros trabalhos artísticos em suportes diferentes ainda na linguagem da pintura, mas que questionam o limite entre a escultura e a pintura, pois em meus trabalhos utilizo de diferentes linguagens para a criação.



Andressa Centeno, 2017. Arquivo pessoal. Acrílica sobre madeira, 460 x 180 cm.

4. CONCLUSÕES

A sociedade contemporânea é repleta de informações, há um acúmulo de informações e possibilidades provenientes da tecnologia que por vezes geram caos, reflito sobre como essa quantidade de informação pode interferir na saúde mental individual e pode também alterar o comportamento coletivo. É importante em nossos tempos pensar as relações humanas, como nos relacionamos com o próximo, compreendo a importância do meu trabalho a partir da reflexão de pensar o espaço urbano como um lugar que é avivado pelo corpo, pois esse espaço é constituído totalmente na ergometria do corpo, onde um depende do outro, é também um lugar de influência psicológica, como o caos e o acúmulo de pessoas pode gerar um pensamento automático que gera uma não atenção ao lugar em que vivemos, por vezes não percebemos nem mesmo o lugar que percorremos todos os dias, busco questionar e instigar o pensamento automático no espaço urbano através da arte.

Reflito sobre a vivência do estar na cidade individualmente e coletivamente a partir da experiência do contexto de crescer e viver em Pelotas, considerando as construções urbanas como invólucros que aprisionam o corpo, embora proteja e criem limites para o estar. Percebo o espaço urbano como um objeto que só é avivado em função da existência humana, uma relação direta entre cidade e corpo. Acredito na potência e importância da linguagem do campo das Artes Visuais para refletir sobre o mundo em que vivemos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única – infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 160p.

CANTON, Katia. **Temas da Arte Contemporânea**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 392p.



OLIVEN, Ruben George. **A Antropologia dos Grupos Urbanos**. Petrópolis:
Editora Vozes, 1985.